

# a folha

Boletim da língua portuguesa nas instituições europeias

<http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

N.º 42 — verão de 2013

ELE HÁ MEDOS, RECEIOS, MULHERES EXTRAVAGANTES, CRIMES SÉRIOS, PARCEIROS E PENAS DE PRISÃO COM DIVERSÃO... — <i>Philippe Magnan Gariso</i> .....	1
IL EST BIEN COURT LE TEMPS DES CERISES — <i>Luis Filipe PL Sabino</i> .....	3
MOSCOVO — UM CASTIÇO RECENTE MAS CONSENSUAL — <i>Paulo Correia</i> .....	10
INTERAÇÕES PRÁTICAS ENTRE <i>CORPORA</i> E TERMINOLOGIA NA DGT — O PAPEL DAS MEMÓRIAS DE TRADUÇÃO — <i>Paulo Correia; Hilário Leal Fontes</i> .....	13

## Ele há medos, receios, mulheres extravagantes, crimes sérios, parceiros e penas de prisão com diversão...

*Philippe Magnan Gariso*

*Tradutor técnico — Mota-Engil, Engenharia e Construção, SA, Lisboa*

Perdoar-me-ão, mas fico sempre impressionado, confuso, até, de cada vez que nas séries televisivas policiais, nas mais das vezes, que pululam nos canais *Fox* e não só, alguém bate à porta e pergunta se Fulano, Beltrano ou Sicrano está em casa, e a resposta, invariavelmente, é: «Receio, mas não está» ou «Temo que não esteja». É preciso ter medo? Temor?! Claro, já perceberam, quem abriu a porta disse: «I am afraid, he is not here» ou «I am afraid he is out». Não será antes: «lamento» (ou «infelizmente») o tal Fulano, Beltrano ou Sicrano não está, ou saiu. Parece-me que sim, pois esse é justamente o sentido daquele «I am afraid». Sempre aprendi, no meu velhinho curso de tradução, em França, que antes de se entregar uma tradução, quer ao professor quer ao cliente, se deve verificar se o que está escrito faz sentido. Parece-me um conselho assaz útil. Já agora, recordo aos mais incautos que «I am afraid» pode ter outros sentidos, menos comuns, no entanto de grande utilidade. Vejamos:

- «I am afraid I missed the train»: «peço desculpa, perdi o comboio»;
- «I think the movie is bad; I am afraid I rather liked it»: «... pois eu até gostei» ou «... confesso que até gostei»;
- «I am afraid I don't understand...»: também aqui não há que recear ou temer; estamos perante um eufemismo para dar a entender ao nosso interlocutor que o que ele acabou de dizer é ininteligível...

Ora, será de temer uma «extravagant wife»? Talvez, mas não pelos mesmos motivos que assustam muitos tradutores; não porque a mulher seja «extravagante» mas por ser «gastadora». E já que estamos com a mão na massa, «extravagant prices» são «preços proibitivos (exorbitantes)» e não «extravagantes» como tenho encontrado em vários textos traduzidos.

Já que falamos em temor, confesso que fico abalado, perplexo, com a «seriedade do crime» quando na realidade o que se afirma é a «gravidade do crime»; está-se mesmo a ver, «the seriousness of crime», comenta um detective do FBI no canal *CBS Reality*. O que se aprende em tantos cursos de tradução propalados em institutos e faculdades deste país?

Falando de crime, na Austrália alguns são condenados a penas de «diversão» (*diversion*)?! Não posso deixar de sentir um misto de interrogação, de espanto, indignação, por se condenar alguém à «diversão». Neste caso será uma condenação a uma pena de «trabalho comunitário»; lá voltamos ao sábio conselho de Mme Péreyre, professora de versão alemã em Grenoble — faz sentido condenar alguém à «diversão»?

E o que pensar do «first degree murder» (homicídio em primeiro grau), em vez de «homicídio qualificado»? Ah, já me esquecia do «public intoxication» na série *Cops* (intoxicação pública), quando em Portugal se consagrou na lei a «condução em estado de embriaguez» ou com «elevado grau de alcoolemia».

Para continuarmos nesta senda policial, coitados, ou felizardos dos polícias que são condenados à parceria — «parceiros» (*partners*); «colegas» não serve? Ou será que são mesmo «parceiros»!

E nas suas tarefas diárias, quantas vezes o mandado (*warrant*) se transforma, sabe-se lá por que fenómeno, em «mandato»...

Nas areias movediças da polissemia, outros vocábulos são igualmente traiçoeiros e o tradutor tem de estar preparado.

São disso exemplo «direct» e «directly» em frases do tipo: «To speak in direct words» (expressar-se numa linguagem formal); «She will be back directly» com o sentido de voltar rapidamente, não demorar; ou ainda, «Let me know directly she comes» (avisa-me assim que ela chegar).

Cabe aqui incluir o vocábulo «desperate», que na maioria dos casos tem subjacente um sentido que não o do «desespero». Por exemplo, «desperate lover» não será um(a) amante desesperado(a), mas sim, «desvairado(a)», «desatinado(a)»; do mesmo modo que a «desperate fight» é um combate «renhido», «duro», «árduo».

Enfim, não será demais recordar que «nervous», afora o «nervous system», pode ser uma rasteira para os menos cautelosos em frases do tipo «to feel nervous» (estar ou sentir-se intimidado ou emocionado); «that makes me nervous» (isso assusta-me, ou isso é aterrador); «he is nervous in the dark» diríamos de uma criança que tem medo do escuro.

Não posso deixar em claro o célebre «satisfy», quantas vezes vertido por «satisfazer» ou «contentar». Ora, na realidade, o sentido é bem diverso; voltando aos tais «cops» e «FBI agents» do canal *CBS Reality*, ouvimos com frequência «The police are satisfied that...», não que a polícia não esteja satisfeita pela descoberta da verdade ou das provas, mas o sentido é «a polícia está convencida de que...», e para que conste «I am satisfied that nobody overheard the conversation» (tenho a certeza/estou seguro de que ninguém ouviu a conversa).

E para concluirmos a ronda policial, «circumstantial evidence» são «provas indirectas» e não «circunstanciais».

Pasme-se com outra calinada frequente em séries de advogados: «articulate» dá «articulado» em português. E o que é uma pessoa articulada? Não sei, mas quero crer que, neste caso, estamos em presença de alguém com «fluência de discurso», «facilidade em exprimir-se», «dotes oratórios».

Não resisto a uma última expressão quantas vezes erradamente traduzida pelos tradutores destas bandas: «self-conscious», que não tem nada que ver com a consciência do que se vale, ou com sentir-se seguro de si mesmo, mas antes com a timidez e o pouco à vontade — «the witness looked self-conscious» (a testemunha parecia pouco à vontade) e não «...estava segura de si» como tem sido traduzido.

Haverá uma próxima vez? É bem possível que fale de «cortes de cabelo» e de «backlogs» muito ao gosto de comentadores políticos e jornalistas...

[philippe.gariso@gmail.com](mailto:philippe.gariso@gmail.com)



## *Il est bien court le temps des cerises*

Luís Filipe PL Sabino

*Antigo funcionário — Comissão Europeia; Comité Económico e Social Europeu-Comité das Regiões*

**A.** Cheguei de Avião da extinta Sabena<sup>(1)</sup> a Bruxelas, quando iniciei funções (vulgo popular: pegar ao serviço) na Comissão das CE, como então (1983<sup>(2)</sup>) se designava. Isto nada tem de especial ou de extraordinário (exceto para mim, claro), mas é um texto que permite a entrada A. O pessoal lá de casa e a carripana não foram nas malas; e nelas também não levava bacalhau — Ferreira de Castro, *A Volta ao Mundo*<sup>(3)</sup>: «(...) Em Bruxelas, assistimos, uma vez, ao desfazer da bagagem de prolecta dama que acabava de chegar do Pôrto e não foi sem alguma admiração que a vimos tirar do fundo duma das malas dois enormes bacalhaus, de que ela, por ser muito viajada, se fizera previdentemente acompanhar (...)».

Mas levava o que o Prof. Fabião, meu professor do curso livre de neerlandês em Lisboa, me contava sobre essas ilustres, civilizadas sociedades das Flandres e o maravilhamento perante a Grand-Place de Bruxelas e o *Agnus Dei* dos irmãos van Eyck, na catedral de S. Bavão, em Gent<sup>(4)</sup>.

Era um dia de janeiro frio e soalheiro, com alguma neve residual na via pública. A bruma inconsútil e a chuva das *photos* de Léonard Misonne vieram depois. A Madame Bertrand arrendava (vulgo: alugava) quartos na Rue Archimède. Dia não *solarengo*... como amiúde erradamente se ouve e se lê na comunicação social. Entre soalheiro e solarengo há a similitude que se pode observar entre uma sardinha assada e uma couve-galega em venda promocional.

Mas pensei então que ali na Europa, queimadas as caravelas, expatriado<sup>(5)</sup> como tantos outros antes e depois de mim, mais tarde seria mais célebre (vulgo: famoso; hoje em dia com a proliferação de gente preinha de glâmur (*sic*) e de fama e de importância...o adjetivo célebre está a perder terreno...) que o Adamo e que o Patrick Bruel («*Mais il est bien court le temps des cerises*»<sup>(6)</sup>) ou talvez do que a Céline Dion... e que, artista como era, venderia nas feiras mais *K7s* do que essa gente, alambazando-me a uns carcanhóis adjacentes. Equivoquei-me em parte, embora fosse eu, por esses anos, excepcional, sendo hoje em dia apenas excepcional... e excessivamente modesto...

**B.** Bélgica. Nos anos sessenta, lá na remota Elvas, ouvia falar na Bélgica — então país longínquo e estranho e de névoas — a propósito dos emigrantes que para lá abalavam (lá foi o Tatónha e família, que se instalaram na área da Place Flagey, onde ainda há e haverá para sempre a comunidade elvensense e



(1) Loic Ginet, *aviastudios.com*, <http://aviastudios.com/2011/03/15/vintage-posters-of-european-airlines/>.

(2) 1983 foi também o período da crise dos euromisseis, de que há, claro, abundante literatura.

(3) Ferreira de Castro, José Maria, *A Volta ao Mundo*, [s.l., s.n.], 1942.

(4) Ferreira de Castro, José Maria, *As Maravilhas Artísticas do Mundo ou a prodigiosa aventura do homem através da arte*, [Lisboa], Empresa Nacional de Publicidade, 1958/1963 — vol. II, p. 841 e segs.

Ferreira de Castro indica no fim da obra a «colaboração fotográfica»; desde há uns tempos passou a utilizar-se correntemente para a mesma realidade «créditos fotográficos», o que parece ser uma importação do inglês (**photo credit** — a note acknowledging the source of a published photograph).

(5) «Partir est une fête. Rester serait la mort»: Brel, Jacques, *Allons, il faut partir*, citado por Roegiers, Patrick, *Le Bonheur des Belges*, Grasset, Paris, 2012, ISBN 9782246779216.

«(...) Um abraço de este que tanto vos quer

Sou capaz de ir aí pelo Natal», Rio Grande, «Postal dos Correios», *Rio Grande*, 1996.

(6) Bruel, Patrick, «Le temps des cerises», *Entre deux*, 2002.

campo-maiorense). Como é sabido, a Bélgica tem acolhido desde sempre milhares de imigrantes (económicos, políticos, intelectuais, etc., etc.), cujos descendentes, em especial os italianos, compõem a população belga atual. A imigração italiana acentuou-se com o termo da Segunda Guerra Mundial e com os acordos entre a Bélgica e a Itália (1946), que previam a transferência de 50 mil trabalhadores italianos em dois anos para as minas de carvão belgas: a Bélgica precisava de operários nas minas e a Itália de carvão (para quem se interessa por estas coisas há abundante literatura; sugiro este livro, que já tem algum tempo: Anne Morelli, *Histoire des étrangers et de l'immigration en Belgique: de la préhistoire à nos jours*<sup>(7)</sup>). Há também um livro interessante (aliás, há vários) sobre a vida dos italianos chegados à Bélgica naquele contexto: *Rue des Italiens*<sup>(8)</sup> de Girolamo Santocono (este autor chegou à Bélgica em 1953, tinha três anos, com a mãe, para se reunirem ao pai, que para ali tinha ido trabalhar nas minas). O acidente de 8 de agosto de 1956 nas minas de carvão de Bois du Cazier (Marcinelle)<sup>(9)</sup>, onde perderam a vida 262 mineiros de várias nacionalidades, veio a ser um marco fundamental nas questões de condições de trabalho nas minas e na reconsideração de todos os aspetos correlativos.

**C.** Num Caderno de exercícios para alunos de um ano escolar qualquer, vi que se designava o Estado-Membro «Países Baixos» com a denominação Holanda. Assim não é, como se sabe. Países Baixos (legítima tradução de Nederland) é o nome correto, adotado, além do mais, por toda a gente de bem (fala-se de embaixada de Portugal no Reino dos Países Baixos) e que deveria ser ensinado aos discentes de todos os géneros, porque mal não lhes adviria e o rigor *oblige*.

**D.** Divina comédia: *A Divina Comédia*<sup>(10)</sup>, de Dante Alighieri, tradução de Vasco Graça Moura. Introdução: «Traduzir é, antes de mais, uma luta de corpo a corpo com dois adversários principais e vários outros de toda a ordem e de importância muito diversa. Os principais são a própria língua do tradutor, com a especial mobilização de recursos que implica para o fim em vista, e a língua do texto original, na específica configuração e concreção literária do texto sobre que se opera (...) Traduzir corresponde a uma proposta que tende a falhar na exacta medida das suas ambições mais vastas: trata-se de escrever um texto que idealmente deveria permitir ao autor do texto original, se, por hipótese, tivesse perdido este e a memória que dele porventura tivesse, reconstituí-lo integralmente a partir do texto traduzido. Enunciei uma impossibilidade que pretende, todavia, expressar o difícil equilíbrio entre literariedade e literalidade que, em tal perspectiva, deveria configurar a meta última, o desiderato ideal da proposta tradutória como forma mais nobre e explícita de plágio legitimado (...)».

**E.** Num anúncio de recrutamento de pessoal para uma Empresa privada (i.a., jornal *Público* de 3 de julho de 2013) diz-se que se admite um «recurso» (entenda-se: uma pessoa) e que o «elemento» (entenda-se: o recrutando) deve ter as qualificações... etc. Não vejo mal nisso... e ainda que visse! Registo apenas como curiosidade.

Ainda nesta entrada **E**: Émile Verhaeren (1855-1916), poeta belga, *grand amoureux de l'Escaut et de son village natal*<sup>(11)</sup> Saint-Amand:

*Mais je suis né, là-bas, dans les brumes de Flandre,  
En un petit village où des murs goudronnés  
Abitent des marins pauvres mais obstinés  
Sous des cieux d'ouragan, de fumée et de cendre.*<sup>(12)</sup>

<sup>(7)</sup> Morelli, Anne (dir.), *Histoire des étrangers et de l'immigration en Belgique: de la préhistoire à nos jours*, Vie ouvrière/Centre bruxellois d'action interculturelle, Bruxelles, 1992, ISBN 2870032560.

<sup>(8)</sup> Santocono, Girolamo, *Rue des Italiens*, Cécisier, Cuesmes, 1986.

<sup>(9)</sup> Wikipedia, *Bois du Cazier*, [http://fr.wikipedia.org/wiki/Bois\\_du\\_Cazier](http://fr.wikipedia.org/wiki/Bois_du_Cazier) e sítio Web de Bois du Cazier, <http://www.leboisducazier.be/index.htm>.

<sup>(10)</sup> Alighieri, Dante, *A Divina Comédia*, trad. Vasco Graça Moura, Bertrand, Lisboa, 2000, ISBN 972-25-0963-2.

<sup>(11)</sup> Wikipedia, *Saint-Amand (Anvers)*, [http://fr.wikipedia.org/wiki/Saint-Amand\\_\(Anvers\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/Saint-Amand_(Anvers)).

<sup>(12)</sup> Verhaeren, Émile, «Epilogue», *Toute la Flandre*.

**I. Implementar:** dizem João Andrade Peres e Telmo Mória, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*<sup>(13)</sup> — «...não podemos esquecer que já está consagrado pelo uso o verbo implementar, que serve à perfeição para o fim em vista. A propósito diga-se que não se justifica o alarido dos puristas a seu respeito... É claro que o que incomoda os ditos puristas é o facto de o verbo ter sido criado no português por influência do inglês, que obviamente tinha gerado as suas formas a partir do latim. Sobre isto, diga-se apenas que esperamos que essa influência se verifique muitas outras vezes, se essa for uma das formas de tornar a língua portuguesa mais rica e adaptada à realidade ...».

E eu que esgrimi nestas folhas, com bravura lusitana, armado em carapau de corrida, contra o «implementar»... *Sic transit gloria mundi!* Claro que, face ao que antecede, desadesivo-me do que propugnava e amando-me ao «implementar» com todas as ganas, cujo uso deve ser comedido, não se empregando, v.g., em expressões como a «implementação da República em 1910», como já se tem ouvido...

**J. Jornal Oficial.** Seguem-se algumas peças encontradas na nossa gazeta UE com comentários adrede trazidos à colação, pondo-se assim termo a este pequeno, incompleto, dicionário:

- a) Projeto de decisão do comité misto do EEE n.º .../..., de ..., que altera o anexo XIII (Transportes) do Acordo EEE<sup>(14)</sup>

«Considerando o seguinte:

...

(2) O espaço aéreo no qual a Islândia é responsável pela prestação de serviços de tráfego aéreo está inteiramente situado na região Atlântico Norte da Organização da Aviação Civil Internacional e é objeto de um planeamento regional e de acordos regionais, que lhe permitem funcionar como um bloco funcional de espaço aéreo, bem como fazer face a necessidades operacionais e cumprir requisitos que diferem dos da UE e dos da região Atlântico Norte da Organização da Aviação Civil Internacional.»

Proponho para este considerando uma redação mais curta como segue:

«O espaço aéreo onde compete à Islândia prestar serviços de tráfego aéreo está inteiramente situado na região Atlântico Norte da Organização da Aviação Civil Internacional, é objeto de planeamento regional e de acordos regionais que lhe permitem funcionar como um bloco funcional de espaço aéreo, satisfazer as necessidades operacionais e os requisitos diferentes dos da UE e dos da região Atlântico Norte da Organização da Aviação Civil Internacional.»

- b) Regimento da Assembleia Parlamentar Euronest adotado em 3 de maio de 2011 em Bruxelas e alterado em 3 de abril de 2012 em Bacu, e em 29 de maio de 2013 em Bruxelas<sup>(15)</sup>

No artigo 4.º, n.º 6, pode ler-se (sublinhado meu): «A Mesa é o órgão competente em matérias que digam respeito à composição e às responsabilidades das comissões e dos grupos de trabalho. A Mesa também é o órgão competente ...»

A versão espanhola diz: *La Mesa se encargará de los asuntos relacionados con la composición y las competencias de las comisiones y grupos de trabajo. La Mesa se encargará igualmente de autorizar ...*

<sup>(13)</sup> Peres, João Andrade; Mória, Telmo, *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa, 1995, ISBN 9789722109987, p. 172.

<sup>(14)</sup> *Jornal Oficial da União Europeia*, L 205 de 1.8.2013, p. 9, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2013:205:0008:0010:PT:PDF>.

<sup>(15)</sup> *Jornal Oficial da União Europeia*, C 221 de 1.8.2013, p. 1, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2013:221:0001:0010:PT:PDF>.

A italiana reza: *L'Ufficio di presidenza è competente per quanto concerne la composizione e le attribuzioni delle commissioni e dei gruppi di lavoro. È inoltre competente ad autorizzare ...*

Em inglês e francês aponta-se para *responsibilities* e *responsabilités*.

O termo «responsabilidades» é muitas vezes empregue em versões portuguesas, em textos da União Europeia, em vez de competências e de atribuições.

Talvez fosse de ter mais cautela e utilizar, conforme o caso, estes dois últimos termos (competências ou atribuições) para indicar aquela realidade, em lugar de «responsabilidades». Atribuições são os fins da pessoa (coletiva ou singular); competências são os poderes funcionais conferidos para prossecução daqueles fins.

Aliás, no artigo 3.º deste mesmo documento a versão portuguesa fala, e bem, em «competências», pelo que haveria que manter no articulado subsequente idêntica opção... se tal fosse o caso.

c) Regimento das comissões permanentes da Assembleia Parlamentar Euronest adotado pela Assembleia Parlamentar Euronest a 3 de maio de 2011 e alterado em 29 de maio de 2013 em Bruxelas<sup>(16)</sup>

Dispõe o artigo 2.º, n.º 4 (sublinhado meu): «O tamanho e a composição das comissões serão aprovados pela Assembleia Parlamentar EURONEST sob proposta da Mesa.»

Na versão italiana: *La dimensione e la composizione delle commissioni sono approvate dall'Assemblea parlamentare Euronest su proposta dell'Ufficio di presidenza.*

Na versão inglesa: *The size and composition of the committees shall be approved by the EURONEST Parliamentary Assembly on a proposal from the Bureau.*

Na versão espanhola: *El tamaño y la composición de las comisiones deberán ser aprobados por la Asamblea Parlamentaria EURONEST a propuesta de la Mesa*

Na versão francesa: *Le nombre de membres et la composition des commissions sont approuvés par l'Assemblée parlementaire Euronest, sur proposition du Bureau*

Ora, salvo melhor opinião, creio que não se deve falar em «tamanho» (versão portuguesa) das comissões, termo que se reservará para quando vamos comprar uns calcantes nas Galeries Lafayette, na Reboleira, em New York ou na Avenue Louise bruxelense, o que não é manifestamente o caso. Pelo que optaria por «a dimensão... das comissões...» ou por «o número de membros... das comissões...».

Prevê o artigo 3.º, n.º 1, do mesmo regimento (sublinhado meu):

«Cada comissão elegerá uma Mesa dentre os seus membros (...)»

Eu optaria por dizer: de entre...

Nesta linha vai a alínea d), n.º 1, do artigo 16.º do Regimento da Assembleia da República portuguesa<sup>(17)</sup>.

<sup>(16)</sup> *Jornal Oficial da União Europeia*, C 221 de 1.8.2013, p. 11,

<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2013:221:0011:0013:PT:PDF>.

<sup>(17)</sup> *Diário da República*, 1.ª série, n.º 159 de 20 de agosto de 2007,

[http://www.parlamento.pt/DossiersTematicos/Documents/Reforma\\_Parlamento/Reg\\_AR\\_1\\_2007.pdf](http://www.parlamento.pt/DossiersTematicos/Documents/Reforma_Parlamento/Reg_AR_1_2007.pdf).

O mesmo ocorre no anexo XI (exercício das funções do Provedor de Justiça) ao regimento do Parlamento Europeu<sup>(18)</sup> — exemplos: último considerando; artigo 47.º, n.º 1; artigo 68.º, n.º 3; artigo 190.º, n.º 4.

E ainda assim é no regimento do Comité Económico e Social Europeu (artigo 17.º, n.º 2, por exemplo)<sup>(19)</sup>.

A este propósito diz o *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*:

«Dentre e de entre

[Pergunta] Qual é mais correcto: «Dentre eles» ou «de entre eles»? Li uma resposta a esta questão, mas ainda não estou completamente esclarecida.

Obrigada.

Leonor Maria Mendonça :: Aveiro, Portugal

[Resposta] A nossa consulente pergunta se a preposição de deve, ou não, contrair com a preposição entre.

Estão registadas em dicionários ambas as formas: dentre e de entre.

Dentre é palavra muito pouco usada. Significa um misto de «dentro» e «por entre», ou seja, «do meio de», como nesta abonação registada na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira: «escuridade densíssima, dentre a qual fuzilavam relâmpagos», Manuel Bernardes, Nova Floresta, p. 69, ou ainda «dentre os caixotes saíram os garotos, assustados.»

Quando se pretende referir ou salientar um elemento pertencente a um grupo, é usual empregar-se a locução de entre: «de entre todos, ele foi o mais aplaudido», «não sei, de entre eles, quem deve ser o escolhido.»

Assim, a opção depende do contexto, mas, em caso de dúvida, optaria por não fazer a contracção.

M.R.M.R. :: 08/03/2004»<sup>(20)</sup>

d) **Conclusões do Conselho Europeu (8-9 de dezembro de 2011) sobre um projeto de Acordo Internacional sobre a União de estabilidade fiscal**<sup>(21)</sup>

Diz o texto (sublinhados meus):

«1. Manifesta as suas dúvidas quanto à necessidade de tal acordo intergovernamental, cujos objetivos principais poderiam, na sua grande maioria, ser logrados de forma mais adequada e eficaz recorrendo a (...)

2. Manifesta o seu apoio à proposta apresentada ao grupo de trabalho «ad hoc» pelos deputados designados pela Conferência dos Presidentes (...)

5. Reitera o seu apelo relativo a uma União de estabilidade e do crescimento sustentável»

Pergunta naïve: porquê tantos possessivos «seu», «suas»? Aqui são inteiramente dispensáveis, como o seria uma caixa de Pralines no deserto.

Bastaria dizer, no primeiro caso: manifesta dúvidas; e no segundo: manifesta apoio; e no terceiro: reitera o apelo.

<sup>(18)</sup> Regimento do Parlamento Europeu, 7.ª legislatura, julho de 2013, <http://www.europarl.europa.eu/sides/getLastRules.do?language=PT&reference=TOC>.

<sup>(19)</sup> *Jornal Oficial da União Europeia*, L 324 de 9.12.2010, p. 57, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2010:324:0052:0068:PT:PDF>.

<sup>(20)</sup> *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, *Dentre e de entre*, <http://www.ciberduvidas.com/pergunta.php?id=13287>.

<sup>(21)</sup> *Jornal Oficial da União Europeia*, C 227E de 9.12.2010, p. 1, <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2013:227E:0001:0002:PT:PDF>.

- e) Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2013 que procede à primeira alteração à Resolução do Conselho de Ministros n.º 29/2011, de 11 de julho, que aprova o Regimento do Conselho de Ministros do XIX Governo Constitucional e republica as regras de legística a observar no processo legislativo do Governo<sup>(22)</sup>

«Anexo I

Regimento do Conselho de Ministros do XIX Governo Constitucional (...)

9.3 — Em sede de promulgação ou assinatura pelo Presidente da República, caso seja necessária a recolha de informações complementares, elas são prestadas à Presidência da República pelo Ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares.»

Esta do em sede de — em «a folha» já assinalada<sup>(23)</sup> — já foi abarbatada pela língua corrente, não havendo político ou vendedor que a tal não recorra. O Ciberdúvidas tem por lá uma litigância esclarecedora que se pode ver em sede da entrada em sede de.

Não me considero bota de elástico (*mais... on ne sait jamais...*), mas tal expressão, embora vinda para a fala dos mortais pela via da ilustre língua italiana do Direito, parece-me dela não se haver mister, como ocioso seria eu continuar a bater no ceguinho a este propósito: a alguém agradecerá a dita, nanja mim.

Mas tenho também dúvidas sobre este segmento:

«...caso seja necessária a recolha de informações complementares, elas são prestadas à Presidência da República...».

Aqui «a recolha» está a mais, como jacaré em parvulário; o que se pretende dizer é que se o Presidente da República carecer de informações complementares elas serão prestadas pelo Ministro X... ponto final.

Pelo que o texto em causa poderia ficar assim:

«Em matéria de promulgação ou assinatura pelo Presidente da República, caso sejam necessárias informações complementares, elas são prestadas à Presidência da República pelo Ministro da Presidência e dos Assuntos Parlamentares.»

- f) Portaria n.º 256/2013, de 13 de agosto, que fixa o valor das taxas relativas do procedimento de emissão de alvará de licença de funcionamento de recintos com diversões aquáticas do Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P.<sup>(24)</sup>

Pode ler-se no artigo 1.º (sublinhado meu):

«Objeto

A presente portaria fixa o valor das taxas relativas ao procedimento de emissão de alvará da licença de funcionamento de recintos com diversões aquáticas realizado pelo Instituto Português do Desporto e Juventude, I.P.(...)»

Há conversa a mais no segmento «o valor das taxas relativas ao procedimento de emissão de alvará...»

<sup>(22)</sup> *Diário da República*, 1.ª série, n.º 152 de 8 de agosto de 2013, p. 4778,

<http://www.dre.pt/pdfs/2013/08/15200/0477804782.pdf>

<sup>(23)</sup> «A espingarda Mauser» in «a folha», n.º 28 — outono de 2008,

[http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha28\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha28_pt.pdf).

«Sem título / Untitled, 2010» in «a folha», n.º 32 — primavera de 2010,

[http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha32\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha32_pt.pdf).

<sup>(24)</sup> *Diário da República*, 1.ª série, n.º 155 de 13 de agosto de 2013, p. 4816,

<http://www.dre.pt/pdfs/2013/08/15500/0481604816.pdf>.

Bastaria dizer: «o valor das taxas de emissão de alvará (...)» etc., assim se fazendo economia de umas palavritas, coisa que não é de somenos nos tempos hodiernos...

g) Diversos: espaço<sup>(25)</sup> dedicado às reflexões filosóficas, elevadas e médias; às inquietações do quotidiano em sociedade capitalista; às megalomanias; às contrafações; às viagens turísticas à Coreia do Norte tipo Peixoto; à poesia; à escripta antiga; às obras de bricolage e aos problemas do mundo em geral; às vocações<sup>(26)</sup>; à reparação de eletrodomésticos e a mais coisas que deslembrei.

Num filme recente (*The Bling Ring*, by Sofia Coppola — *O Gangue de Hollywood*, na versão portuguesa), a legendagem em português tem um lapso... que é o seguinte: na parte final o tribunal condena as personagens na «restitution» (em inglês), que surge traduzido precipitadamente por «restituição»... o que não me parece boa ideia. No caso jacente, trata-se de indemnização que os culpados terão de pagar aos lesados, pelo que se deveria ter traduzido precisamente por «indemnização», embora para muitos espetadores a coisa seja igual ao litro...

Há ali um outro lapso, eventualmente um *lapsus calami*: a palavra «francês» vem com um cedilhado (ç), o que pode ser muito bonito, mas não vale, porque os linguistas (m/f) ainda se zangam e vão rua fora aos gritos, em magna arruaça, agitando cachaporras ameaçadoras.

Em suma: Ó das legendas! Tem lá mais cuidado com isso!

Bom, e agora, para concluir, às veras, oiçam bem, que só digo isto uma vez... enfim, se me oferecerem um DVD do Quim Barreiros talvez diga 2×: é o seguinte (voz solene):

— À especial atenção dos que redigem leis nacionais ou internacionais extravagantes ou não, às autoridades civis, militares e religiosas:

Não escrevam muito; digam o menos possível, sejam concisos, poupem no blá-blá: quanto mais se escreve, maior é o perigo de errar! Se precisarem da minha ajuda a título gratuito, manifestem-se!

Pronto! Já disse!

Não me venham depois dizer que os não avisei, que ainda me dá o badagaio ou um chelique — coisas que pelo som não devem ser nada de recomendáveis — e a arraia miúda revolta-se!

[luis.f.sabino@gmail.com](mailto:luis.f.sabino@gmail.com)



<sup>(25)</sup> Roga-se o especial favor de não estacionar em frente deste espaço: entrada e saída permanente de camiões com paletes de ideias.

<sup>(26)</sup> No suplemento «Babelia» do jornal *El País*, de 17 de agosto de 2013, há um artigo muito interessante sobre esta matéria: «Raptado por las Musas», de Javier Gomá Lanzón, [http://cultura.elpais.com/cultura/2013/08/14/actualidad/1376490445\\_764781.html](http://cultura.elpais.com/cultura/2013/08/14/actualidad/1376490445_764781.html).

## Moscovo — um castiço recente mas consensual

Paulo Correia

Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[**Declaração de interesse:** membro do grupo de trabalho de revisão da «Lista dos Estados, territórios e moedas» do *Código de Redação Interinstitucional* de 2011, <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-5000500.htm>.]

Quando nos séculos XV e XVI os cartógrafos portugueses desenharam mapas das costas de África e do Oriente, ou quando Camões escreveu *Os Lusíadas*, Fernão Mendes Pinto a *Peregrinação*, Garcia de Orta o *Colóquio dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, ou João de Barros e Diogo do Couto as *Décadas da Ásia*, muitos dos topónimos utilizados eram exónimos (nomes portugueses) ou endónimos (nomes locais) transcritos para o português<sup>(1)</sup>. Algumas destas obras foram rapidamente traduzidas para o latim ou outras línguas para satisfazer a curiosidade europeia. Muitos topónimos com **ortografia portuguesa** terão sido, assim, copiados e nalguns casos subsistem ou subsistiram até há muito pouco tempo em várias línguas europeias<sup>(2)</sup>.

Alguns exemplos de toponímia utilizada por Camões, extraídos do canto X da primeira edição d' *Os Lusíadas*, de 1572<sup>(3)</sup>:

pt (1572)	pt (atual)	fr/en	pt (1572)	pt (atual)	fr/en
<b>Barem</b>	Barém	Bahreïn Bahrain	<b>Malaca</b>	Malaca	Malacca Malacca
<b>Borneo</b>	Bornéu	Bornéo Borneo	<b>Mecom</b>	Mecom/Mecão	Mékong Mekong
<b>Camboja</b>	Camboja	Cambodge Cambodia	<b>Ormuz</b>	Ormuz	Ormuz Ormus
<b>Cingapura</b>	Singapura	Singapour Singapore	<b>Pegu</b>	Pegu	Pégou Bago
<b>Columbo</b>	Colombo	Colombo Colombo	<b>Samatra</b>	Samatra	Sumatra Sumatra
<b>Egito/Egipto</b>	Egito	Égypte Egypt	<b>Syão</b>	Sião (Tailândia)	Thaïlande Thailand
<b>Mazcate</b>	Mascate	Mascate Muscat	<b>Chatigão</b>	Chitagongue	Chittagong Chittagong

Em contrapartida, noutras épocas ou noutros contextos em que o português não é o original, mas sim uma tradução há uma maior tendência para utilizar **grafias estrangeiras**. Era esse o caso das cidades e regiões de boa parte do norte e do leste europeus referidos na segunda metade do século XVIII na *Gazeta de Lisboa* — o diário oficial do governo português de então. A utilização de grafias estrangeiras por editores de atlas<sup>(4)</sup>, jornalistas e escritores perdurou durante todo o século XIX e o início do século XX para cidades como Moscou/Moscow, Teheran, Stockholm(o), Kopenhague/Copenhague, Helsingfors, etc.

O caso da capital russa é paradigmático do uso de formas estrangeiras. A sua grafia podia variar em função das influências ou simpatias linguísticas do autor ou simplesmente da língua do texto de onde a notícia era retirada. De facto, durante mais de dois séculos, com a construção no litoral báltico de uma nova capital — São Petersburgo, mais tarde rebatizada Petrogrado —, Moscovo passara para um relativo segundo plano, só retomando o estatuto de capital em 1918.

<sup>(1)</sup> Em muitos casos, não haveria outras formas em línguas com alfabeto latino.

<sup>(2)</sup> Cf. a ilha Formosa (Taiwan) ou as ilhas dos Pescadores (Penghu).

<sup>(3)</sup> Camões, L., *Os Lusíadas*, António Gonçalves, Lisboa, 1572, <http://purl.pt/1>.

<sup>(4)</sup> A maioria dos atlas portugueses eram (e são ainda) publicados sobre bases cartográficas estrangeiras. Ver, por exemplo, o *Atlas Escolar Portuguez* (1897) — cartografia alemã —, o *Novo Atlas Universal de Geografia e História* (c.1925) — cartografia francesa — e o *Novo Atlas Escolar Português*, 2.ª edição (1934) — cartografia italiana.

Havendo Mons. de Panin, Enviado extraordinario da Russia, recebido hum Correyo de **Moscou**, que fez caminho por Kopenhaguen, insinuou logo aos Ministros de Sua Mag., que tinha negocio, que lhe comunicar

*Gazeta de Lisboa*, n.º 22, 3 de junho de 1749<sup>(5)</sup>

**Mosco**, ou **Moscou**, Cidade capital de Moscovia. *Moscow, Ville capitale de Moscovie. (Moscu, æ.)*  
*Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinicos*, 1764<sup>(6)</sup>

Os Corpos Russianos que se achão na Polonia recebem de toda a parte reforço de homens e de material. De **Moscow** se enviou á Polonia hum consideravel parque de artilheria, e naquella Cidade se trabalha no arsenal em formar outro.

*Gazeta de Lisboa*, n.º 22, 26 de janeiro de 1832<sup>(7)</sup>

Vamos á descripção da estalagem. Não pôde ser classica; assoviam-me todos esses rapazes de pera, bigode e charuto, que fazem litteratura cava e funda desde a porta do Marrare até ao café de **Moscow**...

Almeida Garrett. *Viagens na Minha Terra*, 1846<sup>(8)</sup>

Foi Arabi que ordenou o incendio de Alexandria? Não, evidentemente. Arabi não é um patriota selvagem, do typo d'esse Rostopchine que queimou **Moscou**.

Eça de Queirós. *Cartas de Inglaterra*, 1905 (póstumo)<sup>(9)</sup>

Os maximalistas teem seguramente muitas forças em Petrogrado, **Moscou** e alguns outros centros urbanos.

*A Capital*, n.º 2615, 29 de novembro de 1917<sup>(10)</sup>

O «Monitor literario» que se publica em **Moscou** dá detalhes interessantes sobre os escritores de Moscou. A sua atividade limita-se principalmente á vida académica, porque se editam em Moscou muito menos livros que em Petrogrado.

*O Comunista*, n.º 5, 13 de novembro de 1921<sup>(11)</sup>

A ofensiva da primavera da Internacional de **Moscou** desenrolar-se-ha na Macedonia

*Diario de Lisboa*, n.º 1221, 1 de abril de 1925<sup>(12)</sup>

**MOSCOW**, 24 Fevereiro — (Tass) Os salários dos mineiros e dos empregados em trabalhos subterrâneos foram aumentados em 20 por cento.

*Avante!*, Série I, n.º 2, 1 de março de 1931<sup>(13)</sup>

<sup>(5)</sup> *Gazeta de Lisboa*, Volume 8,

<http://books.google.be/books?id=n15TAAAYAAJ&pg=PA421&dq=gazeta+de+lisboa+moscou&hl=pt-PT&sa=X&ei=pYbWUenYO4XMOKasgLAJ&ved=0CDQ6AEwAQ#v=onepage&q=moscou&f=false>

<sup>(6)</sup> Marques, J., *Novo dictionario das linguas portugueza, e franceza, com os termos latinicos*, [...] *com os nomes proprios das naçoens, dos reinos, das provincias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, &c.*, 1764, [http://books.google.com/books?id=Fwsk\\_oraZC4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com/books?id=Fwsk_oraZC4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false).

<sup>(7)</sup> *Gazeta de Lisboa*, Edições 1-153,

<http://books.google.pt/books?id=GO0vAAAAYAAJ&pg=PA239&lpg=PA239&dq=gazeta+de+lisboa+moscow&source=bl&ots=nqtiN5pqg&sig=4TsKXQ71ACO-At8CB07jBkL9IVk&hl=pt-PT&sa=X&ei=-jzYUeGPMcnCPPqygegE&ved=0CE0Q6AEwAQ#v=onepage&q=moscow&f=false>

<sup>(8)</sup> Garret, A., *Viagens na Minha Terra*, Gazeta dos Tribunais, Lisboa, 1846,

[http://purl.pt/55/1/1-89149-p/1-89149-p\\_item1/P42.html](http://purl.pt/55/1/1-89149-p/1-89149-p_item1/P42.html).

<sup>(9)</sup> Queirós, J. M. E. de, *Cartas de Inglaterra*, Chardron, 1905,

<http://www.gutenberg.org/files/25641/25641-h/25641-h.htm>.

<sup>(10)</sup> «A situação na Rússia: Os maximalistas e os aliados», *A Capital: Diário Republicano da Noite*, n.º 2615, 29.11.1917, in Hemeroteca Digital Municipal de Lisboa,

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1917/Novembro/Novembro\\_item1/P97.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1917/Novembro/Novembro_item1/P97.html).

<sup>(11)</sup> «A vida dos escritores em Moscou», *O Comunista*, n.º 5, 13.11.1921,

<http://www.ges.pcp.pt/bibliopac/imgs/com105.pdf>.

<sup>(12)</sup> «A ofensiva da primavera da Internacional de Moscou desenrolar se ha na Macedonia», *Diario de Lisboa*, n.º 1221, 1.4.1925, in Hemeroteca Digital Municipal de Lisboa,

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/1925/Abril/N1221/N1221\\_item1/index.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/1925/Abril/N1221/N1221_item1/index.html).

<sup>(13)</sup> «No Congresso dos Soviets do Norte (...)», *Avante!*, Série I, n.º 2, 1.3.1931,

<http://www.ges.pcp.pt/bibliopac/imgs/AVT1002.pdf>.

Ainda na primeira metade do século XX, começam a aparecer mais aportuguesamentos, quer em Portugal quer no Brasil. O mundo estava cada vez mais pequeno, graças às telecomunicações, e estava-se, em ambos os países, numa época de reforma e simplificação ortográfica e de significativos avanços na alfabetização, muitas vezes apoiada numa política de livro único para o ensino. Estabeleceram-se, então, em Portugal topónimos castiços como Moscovo, Teerão, Estocolmo, Copenhaga, Helsínquia, etc.<sup>(14)</sup> É essa a herança que a maioria de nós e dos nossos pais ou avós recebeu na escola.

A America, antipoda moral da U. R. S. S., acabará, sem duvida, por ceder, reatando as suas relações oficiais com **Moscovo**.

*Diario de Lisboa*, n.º 3662, 22 de janeiro de 1933<sup>(15)</sup>

Se já não é fácil generalizar o emprego de *Moscóvia* como nome da capital da Rússia, empregue-se com esse valor a forma **Moscovo**, actualmente de largo curso, e reserve-se *Moscóvia*, ao menos, para nomear a antiga região daquela capital. O que não é tolerável, de modo algum, é o emprego de *Moscou*, cópia do fr. *Moscou*.

Rebelo Gonçalves. *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, 1947<sup>(16)</sup>

No século XXI, a globalização e a Internet tornam mais familiares cidades e territórios anteriormente remotos, abrindo novo campo potencial para a toponímia em língua portuguesa e mobilizando duas correntes divergentes:

- de um lado estão os que creem que se deve seguir a ortografia «internacional» — quase sempre o inglês;
- de outro estão os que creem que os nomes dos países, das capitais e de outros locais que ganhem notoriedade (muitas vezes devido a guerras<sup>(17)</sup> ou catástrofes que deixaram marcas duradouras<sup>(18)</sup>) podem ter uma ortografia portuguesa adaptada à leitura por falantes do português.

Ambas as correntes convergirão, porém, na recusa do abandono de muitas das criações castiças dos anos 30 do século XX por demais consagradas no português aprendido na escola a leste do Atlântico. Seria quase impensável voltarmos de novo a designar a capital da Rússia como Moscow. Dado o êxito do exónimo **Moscovo**, um eventual retorno dos antigos estrangeirismos seria visto, possivelmente, como uma marca de arcaísmo e de perda de património linguístico. O recurso ao endónimo Masquevá (Москва<sup>(19)</sup> [mɐ'skva]) pareceria igualmente deslocado.

No *Código de Redação Interinstitucional* em língua portuguesa de 2011 não se recorre a exónimos do género Moscovo ou Helsínquia para designar **nomes de novas capitais**. Nestes casos, mantiveram-se os endónimos, utilizando-se a ortografia portuguesa para reproduzir o mais fielmente possível a pronúncia local. Sítios colaborativos multilingues como a *Wikipédia*, o *Wikcionário* e o *Forvo*, entre outros, tornam esse trabalho exequível. Exemplos:

<sup>(14)</sup> O *Vocabulário Ortográfica da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa de 1940 já os regista no Vocabulário Onomástico. Nem sempre esses aportuguesamentos foram realizados da mesma forma nos dois lados do Atlântico.

**Brasil:** Moscou, Teerã, Copenhague, Helsínquia — adaptação ortográfica (fonte: *Folha de S.Paulo*)

**Portugal:** Moscovo, Teerão, Copenhaga, Helsínquia — adaptação ortográfica e novas terminações

<sup>(15)</sup> «Como o czarismo», *Diario de Lisboa*, n.º 36621, 22.1.1933, in Hemeroteca Digital Municipal de Lisboa, [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/1933/Janeiro/N3662/N3662\\_item1/P6.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/DiariodeLisboa/1933/Janeiro/N3662/N3662_item1/P6.html).

<sup>(16)</sup> Gonçalves, R., *Tratado de Ortografia da Língua Portuguesa*, Tip. Atlântida, Coimbra, 1947.

<sup>(17)</sup> Ver, a este respeito, «Geografia do Cáucaso», in «a folha» n.º 28 — outono de 2008,

[http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha28\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha28_pt.pdf).

<sup>(18)</sup> Vejam-se as explosões e acidentes nucleares de Hiroxima, Nagasáqui, Chernobil e Fucoxima e o maremoto em Samatra.

<sup>(19)</sup> Forvo, Москва, <http://www.forvo.com/word/%D0%BC%D0%BE%D1%81%D0%BA%D0%B2%D0%B0/#ru>.

-  [nèpjìdò] Nepiedó<sup>(20)</sup> (en: *Naypyidaw*);
- Chişinău [kiʃiˈnəw] Quichinau<sup>(21)</sup> (en: *Chisinau*).

Posteriormente a 2011, confirmou-se a transferência da capital do Sri Lanca de Colombo para **Sri Jaiavardenapura-Cota**<sup>(22)</sup>, um nome composto tâmul-cingalês (as duas línguas oficiais do país): Cota<sup>(23)</sup> (*Fortaleza*) e Sri Jaiavardenapura<sup>(24)</sup> (*Resplandecente Cidade da Vitória Transcendente*). Propõe-se a inclusão da forma portuguesa do endónimo numa próxima revisão do *Código de Redação Interinstitucional*, em linha com o que foi feito para Nepiedó ou Quichinau.

[Paulo.Correia@ec.europa.eu](mailto:Paulo.Correia@ec.europa.eu)



## Interações práticas entre *corpora* e terminologia na DGT — o papel das memórias de tradução

Paulo Correia  
Hilário Leal Fontes  
Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Texto baseado em comunicação apresentada às II Jornadas Internacionais *Corpora* e Terminologia, Universidade do Minho, Braga, junho de 2013]

A pesquisa terminológica sempre se fez, mais laboriosamente, em *corpora* ou, mais expeditamente, em glossários e bases terminológicas. Com a informatização desses recursos e, sobretudo, com a criação das memórias de tradução, a pesquisa nas diferentes fontes de terminologia foi-se tornando mais fácil. Surgiram, assim, na tradução da Comissão Europeia novos hábitos de pesquisa e novas formas de trabalho terminológico e de gestão da qualidade das traduções, cabendo às memórias de tradução um papel cada vez mais preponderante. O trabalho nas memórias de tradução editáveis passa a relacionar-se bidirecionalmente com o trabalho na base terminológica, influencia decisivamente a qualidade da tradução automática e permite repercutir mais rapidamente em futuras traduções as regras enunciadas em livros de estilo e outros documentos de referência em vigor. A criação de novas memórias de tradução alinhadas com línguas como o inglês, o francês, o espanhol ou o chinês, com as quais o português tem interfaces privilegiadas, permitiria dotar o português de uma poderosa ferramenta de tradução (assistida por computador ou automática) e terminologia.

Em finais dos anos oitenta, no Serviço de Tradução (SdT) da Comissão Europeia, não havia computadores pessoais e a Internet ainda levaria uns bons anos a chegar. Os tradutores tinham no

<sup>(20)</sup> Forvo, *Naypyidaw*, <http://pt.forvo.com/word/Naypyidaw/>.

<sup>(21)</sup> Forvo, *Chişinău*, <http://pt.forvo.com/word/chi%C5%9Fin%C4%83u/>.

<sup>(22)</sup> **si:** ශ්‍රී ජයවර්ධනපුර කෝට්ටේ; **ta:** ശ്രീ ജெயവර්ത്തനപുരம் കോட்டെ; **en:** *Sri Jayawardenapura-Kotte* ou *Sri Jayawardenepura-Kotte*.

<sup>(23)</sup> Em edição d’*Os Lusíadas*, de 1613, comentada por Manuel Correia, examinador sinodal do Arcebispado de Lisboa, é referida aquela que é agora a nova capital do Sri Lanca:

Columbo he hum lugar piqueno, mas o principal porto da ilha Ceilão. Os Reys da terra residem distancia de huma legua deste porto em hum lugar chamado **Cotta** [Cota, depois da necessária adaptação à ortografia portuguesa pós-1911].

[http://books.google.be/books?id=O8SZR8-HH9YC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gsb\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](http://books.google.be/books?id=O8SZR8-HH9YC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gsb_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

<sup>(24)</sup> Forvo, *sri jayawardenapura*, [http://pt.forvo.com/word/sri\\_jayawardenapura/#si](http://pt.forvo.com/word/sri_jayawardenapura/#si).

centro de documentação de cada língua um terminal onde podiam consultar o **Eurodicautom** — a antiga base terminológica multilingue do SdT<sup>(1)</sup> — e o serviço **CELEX** — a antiga base de acesso aos atos jurídicos das Comunidades Europeias criada nos anos setenta —, que permitia, com uma linguagem de interrogação um pouco hermética, pesquisar também termos em contexto<sup>(2)</sup>. Em alternativa havia a pesquisa manual nas diferentes versões linguísticas do Jornal Oficial ou nos arquivos em papel das diferentes unidades de tradução do SdT.

Por meados dos anos noventa, com o equipamento de todos os tradutores com computadores pessoais e a completa informatização do circuito de produção, é criado o **SdT Vista**, uma aplicação que permitia pesquisar o *corpus* eletrónico paralelo do arquivo do trabalho do SdT, que passa, assim, a ser uma fonte de pesquisa documental e também uma fonte da maior utilidade para a pesquisa de terminologia em contexto, graças à indexação e à possibilidade de visualização bilingue sincronizada de dois textos paralelos. Também a base **EUR-Lex**<sup>(3)</sup> (a sucessora da base CELEX) passa a dispor da possibilidade de visualização bilingue sincronizada dos documentos que contém, em grande medida graças à pressão dos tradutores.

Existem outros *corpora* multilingues nas instituições europeias. Os endereços URL dos documentos nas diferentes línguas são normalmente paralelos, mas não há visualização bilingue. Exemplos de *corpora* públicos:

- PreLex — Acompanhamento dos procedimentos interinstitucionais<sup>(4)</sup>
- Registo de documentos da Comissão<sup>(5)</sup>
- RAPID (comunicados de imprensa)<sup>(6)</sup>
- Registo do Conselho da União Europeia<sup>(7)</sup>
- Registo de Documentos do Parlamento Europeu<sup>(8)</sup>
- InfoCuria — Jurisprudência do Tribunal de Justiça<sup>(9)</sup>
- TARIC — Pauta Aduaneira Integrada da União Europeia<sup>(10)</sup>

Os *corpora* da União Europeia têm algumas características que os distinguem de outros *corpora* de especialidade. O leque de temas cobertos com maior ou menor profundidade é extremamente amplo, da agricultura à ciência, da finança à política da concorrência, etc. Esses temas apresentam-se em tipos de texto e de linguagem diferentes: atos jurídicos, comunicados de imprensa, páginas Web, discursos, etc.

Estes *corpora* paralelos são profundamente **multilingues**. Graças ao trabalho dos serviços de tradução das instituições europeias, existe um acervo enorme de textos paralelos com versão portuguesa ao lado de todas ou algumas das restantes 23 línguas oficiais e de trabalho. Na prática, hoje em dia, a esmagadora maioria das traduções para português parte de originais ingleses, embora grande parte dos muitos autores dos textos a traduzir não tenha o inglês como língua materna. Aquando da adesão de Portugal às então Comunidades Europeias, a língua predominante dos originais era o francês, mas o seu peso foi caindo à medida que a União Europeia crescia para norte (em 1995) e leste (em 2004, 2007 e 2013). A língua dos originais tem muitas vezes influência nas escolhas terminológicas realizadas pelos tradutores e pode resultar também em desvios ortográficos (ou mesmo erros). Essas variantes estão patentes nos nossos *corpora* em língua portuguesa. Também são muitos os tradutores que, desde a

<sup>(1)</sup> Cada instituição dispunha da sua própria base terminológica: Eurodicautom (Comissão), TIS (Conselho), Euterpe (Parlamento). Mais tarde, juntou-se-lhes a Euroterms (Centro de Tradução).

<sup>(2)</sup> O terminal dava igualmente acesso à tradução automática por regras, devendo-se datilografar o texto a traduzir.

<sup>(3)</sup> <http://eur-lex.europa.eu/pt/index.htm>. Essencialmente, a base EUR-Lex contém o acervo dos atos publicados nas séries C (Comunicações e Informações) e L (Legislação) do *Jornal Oficial da União Europeia* e os atos da jurisprudência publicados na *Coletânea da Jurisprudência do Tribunal de Justiça e do Tribunal Geral* da União Europeia.

<sup>(4)</sup> <http://ec.europa.eu/prelex/apcnet.cfm?CL=pt>.

<sup>(5)</sup> <http://ec.europa.eu/transparency/regdoc/recherche.cfm?CL=pt>.

<sup>(6)</sup> <http://europa.eu/rapid/search.htm?locale=FR>. Os menus são em francês e inglês, mas o conteúdo é muitas vezes multilingue.

<sup>(7)</sup> <http://www.consilium.europa.eu/documents/access-to-council-documents-public-register/search-in-the-register?lang=pt>.

<sup>(8)</sup> <http://www.europarl.europa.eu/RegistreWeb/search/simple.htm?language=PT>.

<sup>(9)</sup> <http://curia.europa.eu/juris/recherche.jsf?language=pt>.

<sup>(10)</sup> [http://ec.europa.eu/taxation\\_customs/dds2/taric/taric\\_consultation.jsp?Lang=PT](http://ec.europa.eu/taxation_customs/dds2/taric/taric_consultation.jsp?Lang=PT).

Comissão ao Conselho, passando pelo Parlamento e outras instituições, podem intervir nas traduções. Com tantos temas e tantos intervenientes, a busca de harmonização ortográfica, fraseológica e terminológica é um desafio permanente.

Convém, porém, ter em conta que o multilinguismo não é total nos *corpora* das instituições europeias. O português não está presente, por exemplo, na maioria da informação disponibilizada nas páginas Web da Comissão Europeia, assim como em alguns anexos técnicos da legislação europeia, mesmo em atos diretamente aplicáveis na ordem jurídica interna portuguesa.

### **Memórias de tradução**

No final dos anos noventa, com a adoção de ferramentas de tradução assistida por computador, surgem as **memórias de tradução**, resultantes da organização do trabalho de tradução sob a forma de **segmentos** de tradução alinhados com os segmentos do original, durante ou após a tradução. Originalmente, as memórias eram criadas, usadas e geridas localmente. Com a criação do sistema de informação **Euramis**, as memórias de tradução passam a ser partilhadas por toda a Direção-Geral da Tradução (DGT) — a sucessora do SdT — e passam definitivamente a constituir o centro nevrálgico da produção da DGT. Por motivos de gestão, as memórias são agrupadas em diferentes sub-bases, essencialmente de dois tipos: 1) operacionais, várias em função da coerência temática e/ou operacional; e 2) de legislação e jurisprudência<sup>(11)</sup>. Até 2012 as memórias resultavam exclusivamente do trabalho com a ferramenta de tradução assistida ou do pós-alinhamento e posterior verificação manual. Em 2012 a série L do Jornal Oficial foi alinhada retroativamente a maio de 2004 e passou a partir de então a ser alinhada e carregada regularmente numa memória separada do Euramis sem qualquer intervenção humana<sup>(12)</sup>.

O serviço Euramis disponibiliza diversas ferramentas, nomeadamente um alinhador, um editor de alinhamentos e um recuperador de segmentos. Dispõe ainda de um **concordanciador**, que veio revolucionar a pesquisa terminológica em contexto<sup>(13)</sup>. O concordanciador permite ainda verificar de forma explícita a existência de **variantes** nas nossas traduções ao nível da terminologia, expressões e mesmo ortografia (pré- e pós-AO90). Era, assim, apenas uma questão de tempo até se pensar atuar ao nível dos segmentos para minorar alguns dos possíveis inconvenientes dessa variabilidade.

O conteúdo das memórias de tradução tornou-se dinâmico com a criação de uma função de **edição de segmentos** no Euramis. Passou então a ser possível intervir nos segmentos já anteriormente traduzidos de forma a corrigir erros, harmonizar terminologia e expressões, atualizar ortografia. Trata-se de uma forma de **controlo da qualidade ex post** das práticas de tradução, que permite atuar nos conteúdos das memórias de forma a constituir também um **controlo da qualidade ex ante** das futuras traduções: mediante a reutilização de segmentos ou, simplesmente, de terminologia/fraseologia, ou mediante a edição de **tradução automática estatística**.

Este **trabalho nas memórias** é realizado por uma pequena equipa de tradutores, incluindo a coordenadora linguística, os terminólogos e os responsáveis pela tradução automática. Em certos casos selecionados, solicita-se também a participação da generalidade dos tradutores por meio de consultas internas realizadas no departamento linguístico. Por motivos de rastreabilidade, todas estas ações são registadas e divulgadas junto dos tradutores. A experiência revelou que um grande número de colegas analisa cuidadosamente esses resultados — mais uma prova de que as memórias de tradução estão no centro do trabalho do departamento de língua portuguesa da DGT.

Nas memórias de tradução, corrigem-se e harmonizam-se:

- a) Variantes ortográficas (incluindo gralhas);

<sup>(11)</sup> Sub-base Legis-Juris e, a partir de 2012, também a sub-base OJ-L, com conteúdo de acesso público.

<sup>(12)</sup> Sub-base OJ-L.

<sup>(13)</sup> Um pouco como começaram também a fazer Linguee, MyMemory, Glosbe, etc.

- b) Erros de tradução (má compreensão e/ou ambiguidade do original);
- c) Termos (incluindo nomes próprios);
- d) Expressões e frases frequentes nos atos jurídicos.

Apenas o caso a) não requer cuidados de maior, uma vez que diz respeito a modificações de carácter meramente formal. Já os casos b), c) e d) requerem uma maior ponderação.

É de todos conhecida a complexidade das regras do Acordo Ortográfico de 1945 (e em menor medida do de 1990) no respeitante ao uso do hífen em palavras formadas por prefixação. Herdaram-se, assim, memórias de tradução com bastantes incorreções neste tipo de palavras, que muitas vezes os corretores ortográficos não conseguem resolver. Uma limpeza continuada deste tipo de erros tem uma vertente didática.

Tratando-se de atos jurídicos, só convém modificá-los quando ocorrerem erros ou omissões manifestas ou quando a necessidade de harmonização é incontestável (por exemplo, no caso dos nomes de instituições). Essas modificações não representam um risco para a segurança jurídica, uma vez que os segmentos corrigidos estão devidamente assinalados. Além disso, o facto de corrigir erros no acervo jurídico evita que estes se repercutam em atos futuros, reforçando, assim, a segurança jurídica.

Assim, por exemplo:

- Nos casos em que o inglês *trillion* corresponde a  $10^{12}$ , fez-se a correção de triliões ( $10^{18}$ ) para **biliões**, a fim de eliminar um erro de um para um milhão. Com efeito, nos textos em inglês da Comissão Europeia segue-se atualmente a prática americana para os grandes números, enquanto Portugal e muitos países da Europa continental utilizam a antiga prática britânica — entretanto caída em desuso no Reino Unido<sup>(14)</sup>.
- O *Rosmarinus officinalis* é o **alecrim** (*rosemary* em inglês, *romarin* em francês e *romero* em espanhol) e não o rosmaninho<sup>(15)</sup>. Fez-se a correção das memórias da responsabilidade da Comissão em que o *Rosmarinus officinalis* vinha referido como rosmaninho, por manifesto erro de tradução.
- A **arsina** é designada erradamente *arsino* na Diretiva 96/82/CE do Conselho, tendo esta designação errada sobrevivido a várias alterações da diretiva e mesmo a transposições para a legislação nacional (por exemplo, Decreto-Lei n.º 254/2007). Procedeu-se à correção.
- O *Bank for International Settlements* tem um nome oficial em português: **Banco de Pagamentos Internacionais**. Não há razão para o manter em inglês nalgumas traduções, tal como não há razão para usar outras variantes em português, como *Banco de Pagamentos Internacional*, *Banco Internacional de Pagamentos*, *Banco de Compensações Internacionais*, *Banco das Regularizações Internacionais*.

Estas correções ajudam o tradutor a não perpetuar erros e a poupar tempo, reduzindo o número de correções ortográficas, fraseológicas e terminológicas que teriam de ser realizadas de forma repetitiva de cada vez que os segmentos fossem recuperados das memórias<sup>(16)</sup>. As correções são ainda essenciais para a tradução automática estatística e devem também ser repercutidas na base terminológica.

**N.B.:** Em casos mais complexos, como a correção de frases que mudam o sentido, qualquer alteração será obrigatoriamente acompanhada de um pedido oficial de **retificação** dos atos jurídicos em causa.

As submemórias de tradução da responsabilidade da DGT<sup>(17)</sup> são, assim, **ferramentas de trabalho** e não repositórios intocáveis<sup>(18)</sup>. A utilização de segmentos (editados ou não) recuperados de memórias em novas traduções nunca dispensou, sobretudo no caso de citações de atos jurídicos, que se verificasse a versão em vigor do documento a que é feita referência. Sabendo-se que, com o tempo, esses atos sofrem retificações, alterações e reformulações, é conveniente verificar sempre os dados da

<sup>(14)</sup> «Em torno do bilião» in «a folha», n.º 18 — primavera de 2005, [http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha18\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha18_pt.pdf).

<sup>(15)</sup> O rosmaninho ou alfavema (*Lavandula stoechas*) é uma lavanda.

<sup>(16)</sup> A existência no futuro de uma janela que apresente a terminologia normalizada na ferramenta de tradução assistida por computador poderá completar e reforçar esta ação.

<sup>(17)</sup> ExternRelations, Policies, Services, Archive, OtherDoc, Web, Undef, Legis-Juris, Budget, Nomenclatures, IFRS, OJ-L.

<sup>(18)</sup> Esta prática ainda não é comum a todas as instituições que recorrem aos serviços Euramis.

nota bibliográfica para ter a certeza de que se consulta o texto efetivamente em vigor. Apenas fazem fé os textos em vigor na sua última redação, e a base documental para os consultar é a base EUR-Lex<sup>(19)</sup>.

Tampouco fazem necessariamente fé os textos pesquisáveis no DGTVista (novo nome do SdTVista), na janela de pesquisa para o registo histórico (não editado) onde estão arquivados eletronicamente os originais e as traduções tal como saíram da DGT e que nem sempre coincidem com a versão final publicada no Jornal Oficial — veja-se o caso das propostas de atos do Conselho e do Parlamento retrabalhados nessas instituições.

DGTVista — os textos tal como chegaram (originais) e saíram (traduções) da DGT.

EUR-Lex — os textos tal como foram efetivamente publicados (em vigor ou não).

Em resumo, as **memórias de tradução** são atualmente a ferramenta **central** de trabalho do tradutor da DGT. O Euramis permite não só o alinhamento direto de pares de textos — e indireto de todas as versões linguísticas presentes — e a extração de memórias de trabalho, mas também a pesquisa de **termos em contexto**, a reutilização através da tradução automática estatística e, se necessário, a sua **correção/harmonização**. As memórias vieram, assim, também revolucionar o próprio trabalho do terminólogo.

### **Base terminológica**

É neste contexto de forte concorrência entre recursos terminológicos que surgiu, em 2004, a base **IATE**, a nova base terminológica interinstitucional interativa e agregadora, sucessora das anteriores bases dos diferentes serviços e instituições europeias. A nova base foi também aberta ao público em 2007. Todos os utilizadores podem participar no debate terminológico utilizando as possibilidades de edição (à disposição dos utilizadores internos) ou de comentário (à disposição dos utilizadores internos e externos).

Pretende-se que a base IATE seja o mais multilingue possível, recolhendo e **fixando** termos, sempre que possível com a definição dos conceitos ou pelo menos com indicação de contextos significativos, evitando repetições<sup>(20)</sup> e variantes desnecessárias.

Para facilitar ainda a pesquisa terminológica nas diferentes bases e *corpora*, foi criado o metapesquisador **Quest** (de uso interno). Muito popular entre os tradutores, o Quest permite a pesquisa simultânea de IATE, Euramis, EUR-Lex e DGTVista, entre outras fontes de terminologia em contexto ou em bases terminológicas.

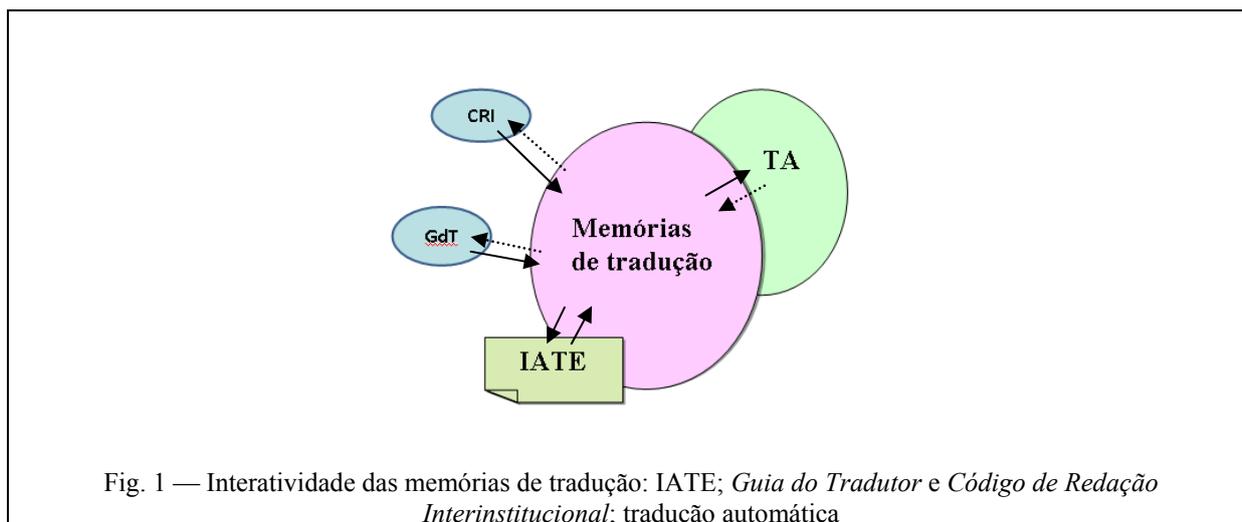
### **Interações**

Evidentemente que, numa situação ideal, a mesma informação terminológica, fraseológica e ortográfica deveria constar das memórias Euramis e da base IATE e deveria respeitar o disposto nos diferentes documentos de referência. Na DGT adotou-se uma abordagem dinâmica e bidirecional de interação entre os conteúdos das memórias de tradução e de outras ferramentas do trabalho de tradução e terminologia. As interações das memórias de tradução refletem-se na tradução automática estatística.

---

<sup>(19)</sup> Em rigor, até 30 de junho de 2013, apenas fazia fé a publicação do Jornal Oficial impressa. A partir de 1 de julho de 2013, a edição eletrónica do Jornal Oficial passa a fazer fé e a produzir efeitos jurídicos, em conformidade com o Regulamento (UE) n.º 216/2013. <http://new.eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=OJ:L:2013:069:TOC>.

<sup>(20)</sup> Muitas repetições de fichas e termos decorrem da génese da base — fusão de diferentes bases que abordavam os mesmos temas — e da arquitetura por coleções e da alimentação não interativa do Eurodicautom.



## 1. Memórias e IATE: viagem de ida e volta

A correção de um erro ou termo inexato ou não normalizado nas memórias pode dar lugar à criação ou modificação de fichas IATE. Nesta ótica, a base IATE seria o *post-it* das memórias de tradução. Nas memórias não há espaço para explicar por que motivo se optou por um determinado termo ou o que ele significa. Nas fichas IATE, tal pode e deve ser feito para memória futura.

No sentido inverso, as alterações ou consolidações efetuadas na base IATE, se devidamente documentadas e em volume exequível, deverão ser repercutidas nas memórias, ajudando a acelerar o processo de harmonização desejado em futuras traduções.

Continua a faltar, no ambiente de trabalho da DGT, a integração completa de uma base de terminologia potencialmente normalizadora na própria ferramenta de tradução assistida — a janela de terminologia anteriormente referida.

## 2. Memórias e textos de referência

Com a gestão dos conteúdos das memórias de tradução, pode acelerar-se, também, a aplicação de convenções, que de outro modo demorariam muito tempo a generalizar-se. O impacto dessas ações de qualidade é substancialmente maior do que o impacto direto dos documentos de referência e bases mais ou menos normativas.

Um primeiro documento de referência para a correção das memórias é o *Vocabulário Ortográfico Português*<sup>(21)</sup> do Acordo Ortográfico de 1990. As alterações ortográficas foram utilizadas como oportunidade para passar em revista o conteúdo das memórias de tradução da DGT<sup>(22)</sup> e os dicionários de utilizador dos corretores ortográficos<sup>(23)</sup>. Aproveitou-se para emendar muitos vícios ortográficos antigos, alguns deles nitidamente associados à grafia da língua dos originais.

<sup>(21)</sup> <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>.

<sup>(22)</sup> Ver a este respeito «As memórias de tradução e a ortografia», in «a folha» n.º 37 — outono de 2011, [http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha37\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha37_pt.pdf).

Infelizmente, por questões de ordem técnica, a correção automática então prevista não se pôde realizar, tendo-se avançado apenas com a correção manual de casos problemáticos.

<sup>(23)</sup> Ver a este respeito «Um CUSTOM.DIC à medida da DGT», in «a folha» n.º 37 — outono de 2011, [http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha37\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha37_pt.pdf).

Exemplos<sup>(24)</sup>:

- biorresíduos / \*\*bio-resíduos
- hífenes / \*\*hífens
- peru / \*\*perú
- raios X / \*\*raios-X (en: *X-rays*)
- *ex ante* / \*\*ex-ante (en: *ex-ante*)
  
- mão de obra / \*mão-de-obra
- salmão-do-atlântico / \*salmão do Atlântico

O *Código de Redação Interinstitucional*<sup>(25)</sup>, recentemente revisto, também tem vindo a ser repercutido, nomeadamente no que se refere a nomes de Estados, territórios, capitais e moedas.

- **Bisqueque** / Bishkek / Bichkek
- **Maláui** / Malauí / Malawi / Maláwi / Malavi / Malávi / \*\*Malaví / Malaói<sup>(26)</sup>

Os outros documentos que são tidos em conta na correção das memórias são o *Guia Prático Comum do Parlamento Europeu, do Conselho e da Comissão*<sup>(27)</sup> e o *Guia do Tradutor*<sup>(28)</sup>.

### 3. Memórias e tradução automática

A tradução automática utilizada na DGT é agora de base estatística (Moses<sup>(29)</sup>) e alimenta-se diretamente das memórias de tradução. A gestão da qualidade das memórias de tradução passa a ser essencial para a tradução automática, tornando ainda mais importante a harmonização ortográfica (sempre) e terminológica (quando possível).

Exemplos ortográficos:

- **Listenstaine** / Liechtenstein / \*\*Lichtenstein / \*\*Liechstenstein / \*\*Lieschtenstein
- macrorregião / \*\*macroregião / \*\*macro-região
- mono-hidratado / monoidratado / \*\*monohidratado

Aquilo que, em cada caso, são para o tradutor variantes ortográficas (certas ou erradas) de uma mesma palavra são para a tradução automática palavras completamente diferentes, reduzindo mutuamente as probabilidades de os termos serem utilizados pela máquina e/ou criando ruído.

Exemplos terminológicos:

- *partial flow dilution system* → \*\*sistema de diluição parcial do caudal/sistema de diluição do caudal parcial/sistema de diluição do escoamento parcial/\*\*sistema de diluição parcial do fluxo
- *engine coolant* → líquido/fluido/agente de arrefecimento/de refrigeração/refrigerante (do motor)
- *(type)-approval authority* → entidade/autoridade homologadora/de homologação/de rece(p)ção/de certificação
- *volume flow* → caudal/débito/escoamento volúmico/volumétrico

Casos como estes criam uma quantidade de ruído não despreciable, mesmo quando não há erro, devido à sua quantidade e ao potencial número de ocorrências na tradução. Esse ruído implica um dispêndio de

<sup>(24)</sup> Indica-se com \* os casos em que a ortografia estava correta com o AO45 e com \*\* quando está simultaneamente incorreta com o AO45 e o AO90.

<sup>(25)</sup> <http://publications.europa.eu/code/pt/pt-000500.htm>

<sup>(26)</sup> É preciso não esquecer que a tradução com memórias facilita a replicação pela comunidade de tradutores de práticas corretas e harmonizadas, mas também pode ter o efeito contrário. Por exemplo, o termo Malaói terá aparecido por lapso numa tradução onde não foi passado o corretor ortográfico. Com a utilização das memórias esse termo foi sendo reutilizado em traduções posteriores.

<sup>(27)</sup> <http://eur-lex.europa.eu/pt/techleg/index.htm>

<sup>(28)</sup> [http://ec.europa.eu/translation/portuguese/guidelines/documents/styleguide\\_portuguese\\_dgt\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/translation/portuguese/guidelines/documents/styleguide_portuguese_dgt_pt.pdf)

<sup>(29)</sup> <http://www.statmt.org/moses/>

tempo acrescido a corrigir e/ou (re)consultar fontes e o risco de subsistir uma ou outra incoerência terminológica no texto final.

### Colaborações

O posicionamento da gestão das memórias de tradução no trabalho de tradução, terminologia e gestão da qualidade, com bons resultados em questões de correção e harmonização, tem vindo a impor-se com naturalidade na DGT da Comissão Europeia. Este modelo dispõe de uma ampla margem para integração interinstitucional, dada a partilha crescente de recursos. Essa integração é já efetiva na gestão da base IATE e do *Código de Redação Interinstitucional*, mas é ainda inexistente na gestão da qualidade das memórias de tradução. A margem de progressão para a colaboração entre as instituições da União Europeia nesta matéria ainda é, portanto, grande.

Por outro lado, uma boa parte dos *corpora* multilingues da UE é pública e está disponível em bases de dados (RAPID, EUR-Lex, etc.) e em memórias de tradução (DGT-TM<sup>(30)</sup>, BCE<sup>(31)</sup>, EMEA<sup>(32)</sup>, etc.) ou ficheiros alinhados (Europarl<sup>(33)</sup>) prontos, ou quase prontos a usar com ferramentas de tradução assistida, na criação de tradutores automáticos estatísticos, para extração de terminologia e na alimentação de concordanciadores. O trabalho com estes recursos no sentido de os potenciar para uso público (extração/consolidação de terminologia, normalização ortográfica AO45/AO90, anotação morfológica, classificação por domínios, etc.) poderá ser interessante para as universidades, para a comunidade de tradutores em geral e, em última análise, para uma maior afirmação da língua portuguesa no mundo.

É também entendimento nosso, e do departamento de língua portuguesa da DGT, que há muitos recursos bi- ou multilingues em Portugal que mereciam ser trabalhados e disponibilizados em formatos facilmente utilizáveis pelas ferramentas de tradução. Referimo-nos a textos da administração pública portuguesa, normas técnicas, resumos de teses e candidaturas de projetos, etc., não sujeitos a regras de confidencialidade, que poderiam enriquecer e atualizar os recursos provenientes das instituições europeias. Por outro lado, a compilação e a disponibilização pública dos *corpora* nacionais também tem efeitos benéficos para quem os disponibiliza, nomeadamente: ter recursos prontos para reutilização na tradução de textos, poder construir tradutores automáticos específicos a partir desses dados, ter terminologia e fraseologia próprias disponíveis em tradutores automáticos generalistas, etc.

Seguindo e aprofundando iniciativas louváveis de compilação e divulgação de *corpora* paralelos, como os projetos Linguateca<sup>(34)</sup> e Per-Fide<sup>(35)</sup>, deveríamos, **no futuro**, poder dispor de uma grande base partilhada de textos em que o português estaria em paralelo com outras línguas.

Algumas entidades nacionais com recursos potencialmente interessantes:

- Assembleia da República
- Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde (infarmed)
- Gabinete de Documentação e Direito Comparado
- Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Instituto Nacional de Aviação Civil
- Instituto Português da Qualidade
- Ministério dos Negócios Estrangeiros
- Polícia Judiciária
- Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP)

<sup>(30)</sup> <http://ipsc.jrc.ec.europa.eu/?id=197>.

<sup>(31)</sup> <http://per-fide.ilch.uminho.pt/site.pl/resources.pt>.

<sup>(32)</sup> <http://opus.lingfil.uu.se/EMEA.php>.

<sup>(33)</sup> <http://www.statmt.org/europarl/>.

<sup>(34)</sup> [http://www.linguateca.pt/corpora\\_info.html](http://www.linguateca.pt/corpora_info.html).

<sup>(35)</sup> <http://per-fide.ilch.uminho.pt/site.pl/resources.pt>.

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
- Sociedade Portuguesa de Química

Idealmente, as iniciativas deste género poderiam ser ainda alargadas aos países da CPLP e Macau, onde há outras importantes interfaces entre o português e línguas como o inglês, o espanhol, o francês ou o chinês (quatro das cinco línguas de trabalho das Nações Unidas).

A criação de recursos linguísticos partilhados deste tipo é urgente para facilitar a tradução científica e técnica em português, contribuir para a melhoria da qualidade terminológica e permitir o estudo e divulgação dessa terminologia — quando ela existe.

### *Entretanto...*

É necessário ter em conta que a terminologia técnica e científica do português (pelo menos ao nível da variante europeia) se encontra numa encruzilhada. Muitos documentos oficiais e académicos são redigidos em inglês e nem sempre existem traduções portuguesas de documentos importantes.

Exemplos:

- Excetuando os resumos, muitas **teses de mestrado e doutoramento** de universidades portuguesas são redigidas em inglês, sobretudo em economia e algumas áreas técnicas — cf. RCAAP<sup>(36)</sup>.
- Muitas **normas europeias** (EN) reconhecidas em Portugal não estão traduzidas — cf. IPQ<sup>(37)</sup>.
- O mesmo se passa, por força do Acordo de Londres, com as **patentes europeias** em língua inglesa sem tradução (apenas as **reivindicações**, a parte com menor conteúdo terminológico, continuam a ser traduzidas) — cf. INPI<sup>(38)</sup>.
- Também alguns **anexos técnicos de regulamentos** da UE, diretamente aplicáveis na ordem jurídica portuguesa, são redigidos em inglês — cf. EUR-Lex.
- O mesmo se passa com muitos **comunicados de imprensa** da UE, sem tradução para português — cf. RAPID.

Na 2.<sup>a</sup> Conferência da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, a realizar em Lisboa, 29 e 30 de outubro de 2013, refletir-se-á sobre o futuro da língua e, por arrasto, da terminologia e da tradução em língua portuguesa.

«Não se contesta o papel do inglês como principal língua de apresentação, partilha e discussão de resultados de investigação no seio da comunidade científica. Pretende-se, sim, desenvolver uma reflexão sobre se, no atual contexto mundial, as **línguas de cultura** devem prescindir de se afirmar, igualmente, como **línguas de ciência e de inovação**.

(...) Deve a ciência produzida nos países de língua portuguesa ser exclusivamente vertida em inglês, não se questionando que em parte importante o seja?»<sup>(39)</sup>

Questão a acompanhar...

[Paulo.Correia@ec.europa.eu](mailto:Paulo.Correia@ec.europa.eu)  
[Hilario.Fontes@ec.europa.eu](mailto:Hilario.Fontes@ec.europa.eu)

<sup>(36)</sup> Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, <http://www.rcaap.pt/index.jsp?locale=pt>.

<sup>(37)</sup> Instituto Português da Qualidade, <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?modid=0&pagid=8>.

<sup>(38)</sup> Instituto Nacional da Propriedade Industrial, <http://www.marcaspatentes.pt/index.php?module=newsmodule&action=view&id=435>.

<sup>(39)</sup> 2.<sup>a</sup> Conferência da Língua Portuguesa no Sistema Mundial. Tema I — Língua Portuguesa: Ciência e Inovação, <http://www.conferencialp.org/component/content/article/95-objetivos/137-tema1>.

---

**Exoneração de responsabilidade:** Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias.  
A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

---

**Redação:** Paulo Correia (Comissão); Valdemar Ferreira (PE); Manuel Leal (Conselho da UE); Victor Macedo (CESE-CR); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

**Grupo de apoio:** Ana Luísa Faria (Conselho da EU); Hilário Leal Fontes (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Ana Lorenzo Garrido (Comissão); Joana Seixas (CESE-CR)

**Paginação:** Susana Gonçalves (Comissão)

**Envio de correspondência:** [dgt-folha@ec.europa.eu](mailto:dgt-folha@ec.europa.eu)

---

**Edição impressa:** oficinas gráficas do Serviço de Infraestruturas e Logística — Bruxelas (Comissão)

**Edição eletrónica:** sítio Web da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia no portal da União Europeia — <http://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine>

---

Os artigos contidos neste boletim podem ser reproduzidos mediante indicação da fonte e do autor.

«a folha» ISSN 1830-7809

ISSN 1830-7809



9 771830 780004